

A BIBLIOTECA MUNICIPAL DE COIMBRA COMO ELEMENTO DE ALFABETIZAÇÃO

RESUMO: Com base em estatísticas, analisa-se a evolução do número e tipos de leitores da biblioteca, concluindo-se que aquelas assinalam uma constante curva ascendente, motivada sobretudo pelo serviço de empréstimo. Demonstra-se finalmente a necessidade urgente de transferir os serviços para edifício próprio e mais amplo.

Nos primeiros dias do ano de 1922 abriam ao público as salas de leitura da Biblioteca Municipal de Coimbra, e a corrente de leitores que começou a frequentá-la era acentuadamente composta por um público que nela procurava uma *leitura informativa* singela, colhida no rápido compulsar dos periódicos regionais e da grande imprensa diária, ou uma *leitura recreativa*, obtida na leitura de literatura romanceada, no teatro escrito, nas biografias e monografias ou na literatura descritiva de viagens, quer de autores portugueses quer de estrangeiros.

Naquele período de formação da Biblioteca Municipal, como escreveu algures o seu criador, Dr. José Pinto Loureiro, a orientação da corrente de leitura dirigia-se acentuadamente à *literatura recreativa*, já que as estantes da incipiente Biblioteca poucos volumes podiam propiciar à massa de leitores que a procurassem para uma *leitura de formação* ou de *estudo*.

Crescendo a frequência de leitores com uma rapidez que ultrapassou os cálculos mais optimistas, foram as classes mais populares e as estudantis dos primeiros graus do ensino que preencheram os altos números estatísticos que a Biblioteca Municipal, alguns anos após a sua instituição e a obtenção do alto benefício do Depósito Legal, orgulhosamente mostrava no panorama bibliotecário português.

Essa linha estatística francamente ascendente veio a sofrer dois sobressaltos, um resultante da transferência, das imediações da Biblioteca para longe, duma Escola Industrial e Comercial de grande população escolar,

outro filiado no fenómeno dum evidente desinteresse colectivo pelo espectáculo de exterior e pelas tradicionais sessões de leitura domiciliária ao serão, grandemente prejudicados pelos espectáculos televisionados que vieram ocupar os seus lugares.

Os operários, pequenos comerciantes e industriais, funcionários públicos, donas de casa, que, obtido o grau primário não mais procuravam na leitura a actualização e valorização dos seus conhecimentos, acabaram, através da sua frequência de Biblioteca, por manter o gosto pela leitura, elevando assim o seu nível de alfabetização pelo convívio de algumas horas com os livros.

Dos estudos estatísticos elaborados em determinados períodos da existência da Biblioteca Municipal, obtiveram-se curiosas informações sociológicas quando se tomou conhecimento das classes que, com mais assiduidade, frequentavam quer a leitura de presença nas salas da Biblioteca quer aquelas que se serviam do primeiro serviço público organizado de leitura domiciliária feita através do «serviço de empréstimo», com os resultados mais frutuozos, e que elevaram o número de leitores — em biblioteconomia melhor denominadas *sessões de leitura* — de uma dezena de milhar nos primeiros anos da leitura pública a cerca de 150 000 nos anos mais recentes.

Aquela estatística das profissões que frequentavam a Biblioteca, abria, como não podia deixar de ser, com a indicação de que eram os estudantes dos vários graus de ensino — de que sobressaíam os alunos da Escola técnica vizinha — que contribuía com o maior número, logo seguidos pelos empregados no comércio, as domésticas (sinónmia de *donas de casa*), os funcionários públicos, os operários de todos os ramos da indústria: sapateiros, marceneiros, pintores, alfaiates, electricistas, mecânicos, encadernadores, barbeiros, tecelões, maleiros, canteiros, fundidores, correiros, etc., que vinham à Biblioteca manter vivos e acrescentar os seus conhecimentos adquiridos na Escola.

Como a evolução daquela linha estatística, não obstante os ângulos negativos referidos, se mantém numa evidente e nítida linha ascendente, e como as salas da Biblioteca Municipal de Coimbra já mal comportam os mais de 200 000 volumes do seu recheio bibliográfico, lógico será que as entidades responsáveis se debrucem interessadamente sobre a resolução do problema fundamental do problema bibliotecário coimbrão: a construção de edifício próprio para a sua Biblioteca Municipal.

Aflitivo se tornou o problema da arrumação conveniente de leitores e de estantes novas, aqueles mal recebidos e mal instalados, estas logo pejadas de livros ou de colecções de jornais, havendo que dar início, com energia, à grande batalha para que o Município coimbrão obtenha, dirigida àquele fim, a contribuição financeira da benemérita Fundação Calouste Gulbenkian — colaboração já solicitada e condicionalmente prometida — e a de Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas, que a Coimbra tem dado tantas provas do seu valioso interesse, pois que, obtidas elas, não se antolham grandes dificuldades à consecução de uma obra que será uma das realizações de que a cidade de Coimbra tem a maior premência.

E não será de menos apreço, transferida a Biblioteca Municipal para a sua nova Casa, a consequente restituição do admirável monumento arquitectónico que é o Claustro do Silêncio ao conjunto da velha residência dos crúzios para que passe, depois de integrado, a ser melhor admirado pela crescente corrente turística que o visita.

ARMANDO CARNEIRO DA SILVA
Biblioteca Municipal de Coimbra